



**PROF. JOSÉ ESTEVÃO CORRÊA,
MEU BISAVÔ.**

Afrânio Estevão Corrêa

Não conheci meu bisavô, prof. José Estevão Corrêa patrono da cadeira que ocupo no IHGMT: ele morreu anos antes do meu nascimento. Mas tomei conhecimento de sua vida e da sua obra, através do que, sobre ele, escreveram acadêmicos e historiadores e, principalmente, através do que meu pai me contava. Ele fora criado por seu avô. E entre os dois, estabeleceu-se uma enorme afinidade, com a intimidade de pai e filho.

Prova disso tive há poucos dias, quando relia papéis no preparo deste trabalho. Entre muitos livros que foram do meu bisavô, tenho uma preciosa Bíblia católica, tradução portuguesa da Vulgata Latina, de autoria do escritor Antônio Pereira Figueiredo, editada em 1864, Paris. Como era comum antigamente, os pais anotavam na segunda capa da Bíblia, as datas de nascimento e batismo dos seus filhos. O Prof. José Estevão não fez diferente e anotou ali os nascimentos e batismos dos seus 5 filhos: *Antenor Augusto, Audelino Augusto, José Augusto, Mariana Augusta e Maria*. E entre essas datas, anotou também: *Caio - nascido a 22 de abril de 1888 e batizado no dia 12 de janeiro de 1889*. Junto com seus filhos, estava o neto que ele criava com especial carinho.

Quando eu nasci, por coincidência, no mesmo dia do seu nascimento, meu pai o homenageou incluindo o “Estevão” no meu nome.

Ninguém melhor resumiu a figura do prof. José Estevão Corrêa, do que o prof. Nilo Povoas em seu livro *Galeria dos Varões Ilustres de Mato Grosso* que passo a transcrever literalmente. (1)

Consagrar uma vida inteira ao magistério, em Mato-Grosso, já é alguma coisa mais que patriotismo; é renunciar a tudo o que uma pessoa possa aspirar na vida.

A figura veneranda do grande educador José Estevão Corrêa é daquelas que impressionam fortemente, não só pela bondade que irradiava da sua alma de mestre e de artista consagrado, como também pela obra social e humana que executou, com zelo, sabedoria e dedicação inexecutáveis.

Nasceu José Estevão Corrêa em Cuiabá, aos 2 de agosto de 1840 e faleceu nessa mesma cidade, aos 12 de outubro de 1917.

Foi, incontestavelmente, uma das figuras de maior relevo no cenário político-social da nossa terra, a que prestou os mais assinalados serviços. Deve-lhe a Instrução Pública de Mato-Grosso as mais belas palmas com que as enflorara nos áureos tempos em que esteve à testa desse importante ramo da administração pública estadual que, graças aos seus esforços, adquiriu grande prestígio e eficiência, hoje decaída pela ação nefasta da politicagem.

Data a sua atividade no setor do ensino público estadual da sua nomeação efetiva, independente de concurso, mediante autorização legal, por título de 2 de junho de 1870, para a cadeira de matemática do curso secundário anexo ao Seminário da Conceição, que se instalava em Cuiabá sob a paternal assistência do Bispo D. José Antônio dos Reis, prolongando-se por um período de quase meio século, que terminou na véspera do seu falecimento.

Regeu, por espaço de seis anos, a mesma cadeira na antiga Escola Normal e, no Licêu Cuiabano, desde a criação daquele instituto de ensino, de onde a morte o arrebatara inexoravelmente.

Cometeríamos, portanto, grave injustiça se nesta modesta galeria dos varões ilustres de Mato-Grosso, omitíssemos o seu nome, aureolado por tantos e tão valiosos títulos de benemerência. Aliás, já a Academia Matogrossense de Letras, o mais autorizado órgão da nossa cultura, consagrara o mérito desse eminente educador, já incluindo o seu nome entre os patronos das suas cadeiras, já redondo-lhe merecimento preito de homenagem em esplêndida manifestação

pública realizada por ocasião do centenário do seu nascimento, ocorrido a 2 de agosto de 1940.

Não fôra José Estevão Corrêa apenas o mais antigo membro do magistério público do Estado de Mato-Grosso; não fôra apenas o professor emérito que se impunha ao respeito e à consideração da mocidade estudiosa do seu tempo pela nobreza do seu porte, pela austeridade dos seus gestos e atitudes, pela profundidade da sua cultura, pelo zêlo e dedicação no cumprimento dos seus deveres; mas o professor que maior projeção teve em Mato-Grosso, o incentivador irrivalizado do ensino público da nossa terra, a que ligou indissolúvelmente o seu nome.

Em brilhante elogio do patrono da sua cadeira na Academia Matogrossense de Letras, prestou o professor Filogônio Corrêa, que com êle convivera dez anos a fio na Congregação do antigo Liceu Cuiabano, o seguinte depoimento:

Durante quase meio século da sua permanência na atividade do magistério, não houve no departamento do ensino uma só iniciativa, um só reforma, uma nova fundação de escola, que não tivesse a sua sempre acatada colaboração, só imitada pela colaboração sábia e prudente de Ernesto Camilo Barreto. Foi o regulamentador do departamento da Instrução Pública durante decênios, professor de diversas cadeiras, Inspetor Escolar da Capital, Diretor do Liceu Cuiabano e Diretor-Geral da Instrução Pública, deixando em todos esses lugares agradável memória da sua passagem. Grande amigo de festas e recompensas escolares, incentivava-as com frequência nas suas numerosas visitas a estabelecimentos de ensino públicos e particulares, não poupando esforços para estimular a infância estudiosa.

Como se põe de manifesto através desse depoimento valioso e sincero de quem bem de perto o conheceu e admirou a sua atuação, José Estevão Corrêa prestou, como nenhum outro, até então, os mais relevantes serviços à sua terra natal, sendo, portanto, pequenas, em relação à grandeza dos seus merecimentos, tôdas as homenagens que a posteridade lhe vem tributando por ocasião do centenário do seu nascimento.

Diz Estevão de Mendonça nas suas prestantes DATAS MATOGROSSESES: Nos fastos da Instrução Pública em Mato-Grosso ficarão assinalados quatro períodos - o da direção do padre Ernesto Camilo Barreto, o da direção de José Estevão Corrêa, e os que compreendem as administrações do dr. Antônio Herculano de

Sousa Bandeira e do Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa.

José Estevão Corrêa foi, de fato, a encarnação perfeita do verdadeiro mestre; daquele que instrue, do mesmo passo que educa; daquele que, ao mesmo tempo que enriquece o espírito da juventude com os conhecimentos das ciências e das letras, aprimora o seu caráter com a prática sistemática das virtudes morais e cívicas, para que a obra educacional não venha a gerar mostrengos.

A administração do ensino público em Mato-Grosso teve na pessoa dêsse ilustre matogrossense um incentivador entusiasta e de raro descortínio e a sua atuação nesse setor foi das mais eficientes, fecundas e patrióticas.

Foi êle, na Diretoria-Geral da Instrução Pública, que pôs em execução o plano da refôrma do ensino elaborado pelo Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa e da criação da nova Escola Normal, em 1910.

Poucos, em verdade, se terão entregues, como José Estevão Corrêa, de corpo e alma e êsse sacerdócio sublime de instruir e educar a infância e a juventude.

Político morigerado e, sobretudo, cheio do devotamento à causa pública, foi deputado provincial em duas legislaturas, cargo que exerceu com dignidade e competência, como era costume no seu tempo, em que "não se procuravam cargos para homens, mas sim homens para os cargos".

Outros cargos de administração exerceu ainda êsse impoluto cidadão, de entre êles e do Inspetor do Tesouro do Estado, em que deixou os traços inapagáveis da sua competência invulgar e da sua inquebrantável honestidade.

Colaborou em diversos jornais e revistas do Estado, demonstrando sempre invejável cultura.

José Estevão Corrêa foi um apaixonado cultor da música, a que se dedicou com carinho, organizando em sua residência, com os seus familiares, deliciosos concêrtos que se tornaram inesquecíveis.

Passou pela vida difundindo a virtude, a ciência e a arte e, por isso, o seu nome há de ficar na memória dos prósperos para a edificação das gerações futuras.¹

No dia 2 de junho de 1870, aos 30 anos de idade, meu bisavô foi nomeado professor de matemática do Seminário da Conceição, iniciando sua carreira no magistério

¹ – PÓVOAS, Nilo. *Galeria dos Varões Ilustres de Mato Grosso*. v. II. p. 77.

que somente terminaria no dia da sua morte, quando, antes de falecer, assinou as últimas atas das bancas examinadoras que presidia.

Falando sobre a reforma do ensino em Mato Grosso, realizada no Governo Pedro Celestino em 1911, o historiador Lenine Póvoas escreveu o seguinte:

Para essa brilhante “revolução do ensino”, foi decisiva a presença na diretoria da Instrução Pública (cargo correspondente ao de secretário da Educação) do eminente professor José Estevão Corrêa, mestre competentíssimo e grande pedagogo, uma das figuras maiores da intelectualidade matogrossense nas primeiras décadas da República.²

Seus companheiros de época no Liceu Cuiabano, como os professores Isác Povoas e Philogonio Corrêa, ao se referirem ao prof. José Estevão, mencionam também as suas qualidades de jornalista, mas ainda faltam pesquisas sobre sua atuação nessa área, a não ser referências avulsas, como a de Dunga Rodrigues em seu livro *Reminiscências de Cuiabá*, onde referindo-se aos jornais de Cuiabá, inclui um chamado **Pega Onça e Dunda**, sem data de circulação, que teria como diretores José Estevão Corrêa, Augusto Ramiro de Carvalho e Francisco Carlos Bueno Deschamps.

É difícil imaginar-se meu bisavô, de roupa preta como sempre usava, dirigindo um jornal de humor com tal nome.

Os jornais também fazem referências costumeiras aos saraus que promovia, não só em sua casa, como também quando participava em espetáculos públicos com seus filhos Antenor e Mariana Augusta formando conjuntos de piano e violino que agradavam a todos.

No dia 24 de fevereiro de 1899, segundo registro de Estevão de Mendonça em *Datas Matogrossenses*:

Realizou-se em Cuiabá devido aos esforços do director da instrução pública, professor José Estevão Corrêa, a mais sumptuosa festa escolar que esta capital tem assistido.

Às 5 horas da tarde reuniram-se no edifício do Liceu Cuiabano todos os professores das escolas públicas e particulares, acompanhados dos respectivos alumnos, em número elevadíssimo. Organizado o prestito, na melhor ordem, percorreu em seguida o seguinte itinerário: - praça d. Carlos, avenida Murтинho, ruas barão de Melgaço, 11 de Julho, general Valle, Villas Bôas, 13 de Junho, 27

² – PÓVOAS, Lenine C. *História Geral de Mato Grosso*. v. II, p. 216.

de Dezembro, 7 de Setembro, 1º de Março, Antonio João, bispo d. José, coronel Peixoto, Misericórdia e Couto de Magalhães, recolhendo-se ao Collegio Salesiano.

À frente da primeira columna, composta de cerca de 300 meninas, todas vestidas de branco e empunhado bandeirolas multicôres, tocava a música do 8º batalhão de infantaria; à frente da segunda columna, composta de cerca de 600 meninos, incluídos dos alumnos, do Collegio Salesiano, tocava a música da companhia de operários militares; à frente do grupo formado pelos alumnos do Liceu Cuiabano, ladeado pelos professores, tocava a música do corpo de polícia. As bandas de música do Arsenal de Guerra e da Escola de Marinheiros ficaram à frente dos alumnos desses estabelecimentos militares.

A passeiata foi de um efeito deslumbrante, pela bôa ordem e inexcêdível gosto", disse um dos jornaes de então. Recolhido o prestito ao Collegio Salesiano, já repleto de senhoras e cavalheiros da melhor sociedade, seguiu-se a cerimônia de distribuição de prêmios e diplomas aos alumnos aprovados nos exames annuaes, cerimônia que terminou por um emocionante himno escolar, cantado por uma turma de meninas, acompanhadas ao piano por distincta amadora.

A terceira parte dessa encantadora festa foi assim descrita pelo **O Matto-Grosso**:

O concerto que seguiu-se foi sustentado pela exímia pianista, d. Mariana Augusta Corrêa Neves, e teve a seguinte execução:

Duetto Credi a Me, do maestro G. Polloni, cantado pelas alumnas Aurea Mamoré e Maria José de Oliveira.

Ouvertude da **Italiana em Argel**, de Rossini, executada ao piano pelas exmas. sras. dd. Francisca Izabel de Figueiredo e Marianna Augusta Corrêa Neves.

Coplas de Piparote e Pimpinella da magica **Bico de Papagaio**, pelos alumnos Aida Neves e José de Sampaio.

Valsa da Gran Via **Caballero de Gracia**, pelo alumno Delfino de Proença, com acompanhamento de côro.

Duetto de F. Campana, **Addio**, pelos alumnos Azelia Mamoré e Caio Corrêa.³ **Canarios**, grande polka de concerto, executada ao piano pelas exmas. sras. dd. Salustia Monteiro de Lima e Francisca Izabel de Figueiredo.

Duetto **Ah! vieni meco!** do maestro Campana, cantado pelas alumnas Udelina Astrogilda Capistrano de Oliveira e Aida Neves.

³ — Azelia Mamoré, porteriormente, depois de casada, tornou-se conhecida como Professora Pon+a, mãe de João Batista Martins de Melo. Caio Corrêa, meu pai, tinha na época 11 anos de idade e d. Poná provavelmente também.

Côro Sur le bi, sur le ban, no qual tomaram parte diversos alumnos. Duetto de Meirinho e a Pobre, pelos alumnos Maria José de Oliveira, e Indalecio de Proença.

Melodrama lyrico em um acto Cavalleria Rusticana, do maestro P. Mascagni, por alumnos de diversas escolas.⁴

Muitos dos seus livros ficaram comigo, mas a maioria tomou destino desconhecido. Dos que guardo, estão um exemplar da Taboa de Logarithmes, de F. Callet, tiragem de 1866, reproduzindo a de 1795. Um livro precioso. Há também uma *Astronomie populaire*, de Camille Flammarion, impressa em Paris em 1903, com a seguinte dedicatória:

Ao sr. Major José Estevão Corrêa, no dia dos seus anos, esta recordação amiga dos seus antigos discípulos: Antonio Portella e Juliano da Silva.

2 - agosto - 1910.

Vê-se então, que o prof. José Estevão tinha também o título de major de Guarda Nacional, o que nunca foi mencionado pelos seus principais biógrafos que foram os professores Philogonio Corrêa e Nilo Povoas, nem por meu pai. O título de major teria sido apenas uma forma cordial de referir-se ao mestre?

Austero e reservado em seu comportamento habitual, o prof. José Estevão era dotado de um permanente bom humor, irreverente quando tinha intimidade e, acima de tudo, inteligente e culto. Sua biblioteca era variada, com livros sobre filosofia, português, matemática, aritmética, ciências, astronomia, história, demonstrando a cultura variada que tinha. Gostava de música, tinha excelente ouvido e tocava piano e violino e, com frequência, promovia saraus em sua casa e por vezes, juntamente com os filhos, tocou em espetáculos teatrais de Cuiabá, como alguns jornais noticiaram.

Dos seus filhos, quem melhor herdou as qualidades musicais foi Mariana Augusta Corrêa Neves, que em Cuiabá foi conhecida como d. Nhazinha, minha madrinha, mãe da professora Maria Neves (Ninita), Nadir e Emerita e do juiz Eurindo Neves. D. Nhazinha foi uma pianista de “tocar baile” sozinha.

Tive alguma convivência com os filhos do prof. José Estevão, meus tios-avós, José Augusto, Antenor Augusto e meu avô, Audelino Augusto. Os dois últimos fizeram carreira no Ministério da Fazenda e foram, antes de 1930, cada um num período, diretores do Tesouro Nacional no Rio de Janeiro e guardavam a chave do cofre da Nação, que levavam para casa.

⁴ – MENDONÇA, Estêvão de. *Datas Matogrossenses*.

Tia Catita, (Catharina Leverger Corrêa), neta do Barão de Melgaço e casada com o tio Antenor, me contava que ele, com freqüência, levava para casa uma “maleta” cheia de dinheiro novo, emitido pelo Tesouro Nacional, que assinava manualmente, cada nota. Tia Catita passava o dinheiro e tio Antenor ia assinando, última chancela antes do dinheiro entrar em circulação. No dia seguinte, ele tomava o bonde para o centro da cidade, levando a mala com dinheiro.

Todos falavam pouco, eram bem humorados e irreverentes, e adoravam a leitura.

No dia 12 de outubro de 1917, o prof. José Estevão morreu, sem ter ficado doente, sem nunca ter faltado um dia, sequer, às suas aulas. Como um sábio, deitou-se e morreu sem um gemido.

Seu sepultamento no Cemitério da Piedade contou com a presença de centenas de amigos, colegas de trabalho, alunos e autoridades e foi à beira do seu túmulo, que o prof. Isác Povoas proferiu um emocionante elogio fúnebre, escrito à mão, peça que sobreviveu durante 82 anos, guardada, inicialmente por meu pai e posteriormente por mim!

Eis o seu inteiro teor, agora divulgado pela primeira vez:

Mestre:

Vem a Congregação do Liceu Cuiabano, pela voz do seu presidente, trazer ao consumado mestre e amigo que, deixando inesperadamente o nosso convívio, parte para as regiões ignotas do Além, o seu derradeiro e comovido adeus.

Não poderia certamente, o Destino, com a inapelabilidade dos seus desígnios, desfechar-nos golpe mais doloroso e acabrunhador do que este, privando-no, para todo o sempre, do amigo leal e dedicado, do companheiro bondoso e prestativo que, nesta casa de ensino ocupou sempre, pela sua cultura e integridade moral, lugar do mais destacado relevo.

Choram todos neste momento de aflição e de angústia, porque compreendem, em toda a sua nitidez, a rudeza do golpe e o vácuo desolador que ele vem abrir em derredor de nós. Dora avante, não teremos, para animar as nossas palestras quotidianas, a graça, em espírito fino e esse marcado aticismo que deram sempre relevo inconfundível às suas exposições. Não teremos mais, nas nossas reuniões deliberativas, a iluminar os nossos passos e a clarear os nossos horizontes, o brilho reconhecido de sua inteligência e o critério elevado das suas argumentações, a que tanto nos habituamos, por isso que os vimos sentindo desde o momento em que entramos para este tradicional

instituto de ensino secundário. Não teremos mais, diante da nossa vista, como quetigando-nos a segui-la em toda linha, a retidão invariável dos seus atos, a simpatia enfeitiçante de suas atitudes e essa assiduidade notável, por todos reconhecida e proclamada e que foi sempre a tônica no cumprimento dos seus deveres.

Mestre:

Homens do seu feitio moral, com tantos e tão preciosos atributos a adornar a sua personalidade de escol, deveriam permanecer por mais tempo no cenário da vida, para servir de exemplo aos que nela entram para iniciar a sua luta pela existência. Principalmente nos tempos que correm, em que se vêem notando aqui e ali, movimentos que se congregam, que se dirigem no sentido da inversão da ordem natural das coisas, relegando para um segundo plano o cumprimento exato do dever.

*Em todos os atos da sua vida, suas qualidades mais, além das apontadas ficaram bem patentes aos olhos de todos e eu não me furtarei de apontá-las aqui: as de homem ciente e consciente. Vimo-las acompanhando constantemente a belíssima trajetória do professor austero e capaz, sem deixar, do mesmo modo, de seguir **pari passu** as pegadas do jornalista emerito e do **conteur** admirável. Ciência e consciência teve o Mestre bondoso e dedicado na aproximação da sua viagem derradeira. Sim, porque de outro modo, não se explica a sua preocupação insistente, o seu açoitamento em ver lavradas as atas todas das bancas examinadoras, em que tomou parte já como presidente, já como examinador. Queria lançar em todas elas a sua assinatura "para ter durante as férias, o seu espírito tranqüilo", dizia ele. Em verdade, porém, o que queria o Mestre era ver tudo em ordem para a sua partida definitiva, evitando uma falha, uma senão oriundo da falta de uma assinatura, viesse invalidar um ato que por ele praticado. O que é certo, o que vii com espanto a corporação docente do Liceu Cuiabano, foi deixar de bater, repentinamente, aquele coração de ouro, no dia exato que se seguiu ao da assinatura da última ata!*

Alma boníssima, afeita sempre à prática do Bem, jamais escutou a voz de um necessitado, sem que o socorresse; jamais viu deslizar uma lágrima por uma face sofredora, sem que procurasse enxugá-la.

Pelo coração, essa sensitiva do nosso organismo, viveu sempre e por ele morreu, morreu, digo mal, senhores, porque o que morre se extingue, fenece e o grande Mestre cuja ausência que apenas se inicia hoje já nos faz saudades, em verdade não morreu. Transfigurou-se. Os seus despojos materiais são recolhidos neste sarcófago; mas o seu

nome limpo e acatado como a sua vida toda, cheia dos mais sublimes ensinamentos, esses não desaparecerão jamais; irão para os capítulos da História, edificando as gerações.

O prof. Isác Povoas, seguido posteriormente por seu irmão Nilo Póvoas, conseguiu sintetizar em palavras, a vida, a obra e a personalidade do prof. José Estevão Corrêa.

José Estevão Corrêa nasceu em Cuiabá, no dia 2 de agosto de 1840 e era filho do major José Vicente Corrêa e de d. Mariana, neto de Manoel Joaquim Corrêa e bisneto de Francisco Corrêa da Costa, português natural da Freguesia de N.S. da Boa Viagem de Massarelos, no Porto que foi o primeiro Corrêa da Costa chegado a Cuiabá, em fins do século XVIII, casado com a paulista de Itu, Maria Teresa de Jesus. Com os seis filhos que teve, formou o enorme clã da família Corrêa da Costa de Mato Grosso.⁵

Como era comum à época, alguns filhos adotaram o sobrenome de Corrêa da Costa, outros o de Paula Corrêa e alguns, somente o de Corrêa.

Aos 18 anos, foi nomeado praticante para o quadro da tesouraria da Fazenda, onde trabalhou por 31 anos, aposentando-se na função de contador em 30 de outubro de 1889, aos 49 anos.

Antes de completar 25 anos, casou-se com d. Rosa da Glória Paes Corrêa, no dia 25 de fevereiro de 1865.

Antes de completar 25 anos, casou-se com d. Rosa da Glória Paes Corrêa, no dia 25 de fevereiro de 1865.

De 1870 a 89, durante 18 anos, ele manteve as duas atividades, além do mandato que exerceu (mais de uma vez) como deputado provincial à Assembléia Legislativa, onde estava em 1877, como 2º secretário, aos 37 anos da idade.

Do final do século XIX até sua morte, dedicou-se integralmente ao ensino, não somente no exercício do magistério, mas em funções públicas na área.

Sou seu bisneto e hoje, é com emoção e orgulho que relembro sua vida.

⁵ – MESQUITA, José de. Genealogia Cuiabana – Corrêa da Costa. *Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso*.